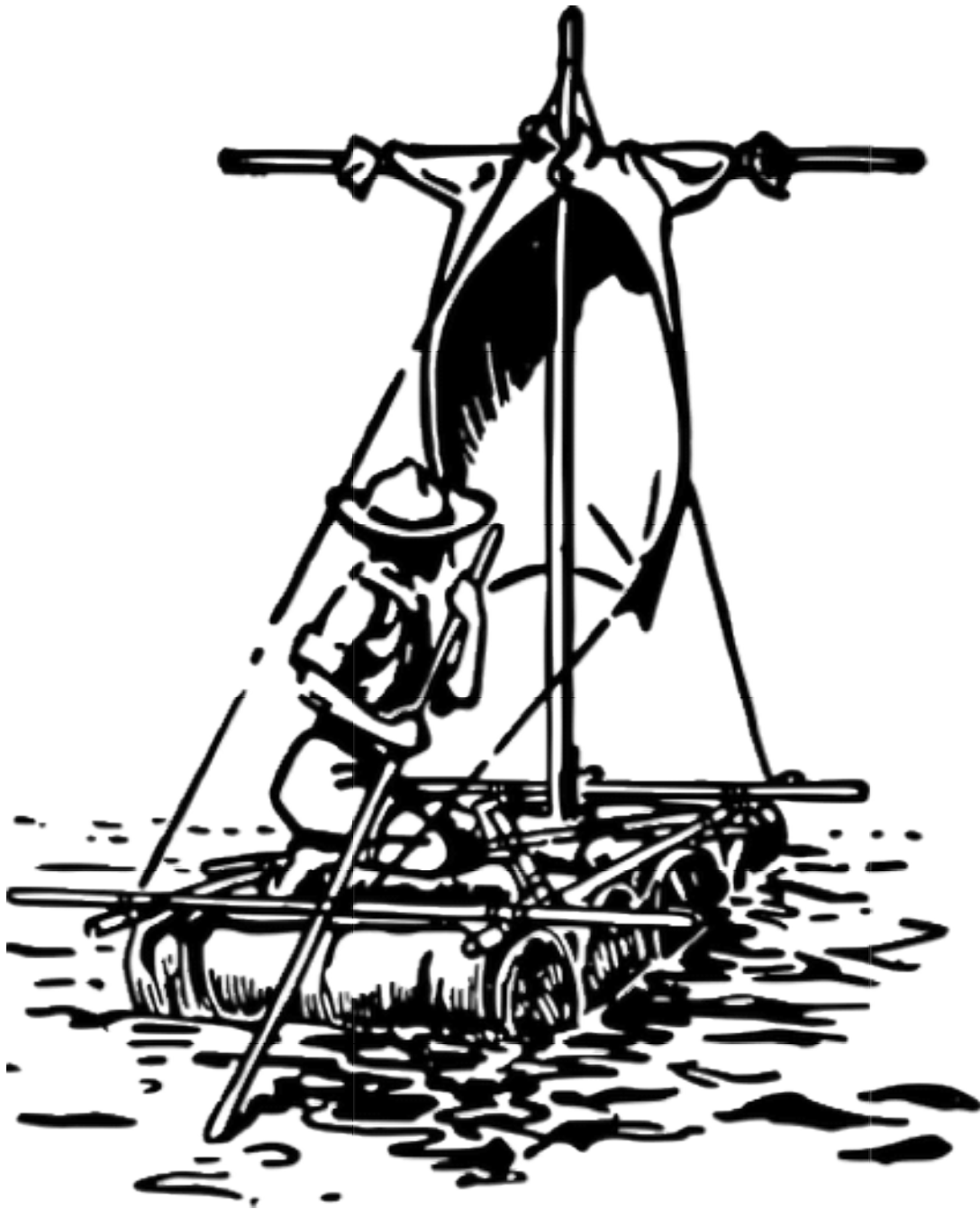


Tradições dos Escoteiros da Modalidade do Mar no Brasil



Índice Geral

Introdução-----	-03
Prólogo -----	-03
Símbolo Nacional -----	-04
Bandeira da Modalidade -----	-08
Bandeiras dos Grupos Escoteiros -----	-10
Padroeiro dos Escoteiros do Mar -----	-11
Distintivos de Chefes e membros juvenis -----	-12
Uniformes -----	-17
Lenço dos Grupos de Escoteiros do Mar -----	-20
Nomes dos Grupos Escoteiros -----	-21
Nomes das Patrulhas Escoteiras e Seniores -----	-22
Bastões de Monitores -----	-23
Classificação das Embarcações -----	-24
Içar de Bandeiras para Autoridades Escoteiras -----	-26
Código Internacional de Sinais – CIS -----	-29
Toques de Apitos para Autoridades Escoteiras -----	-33
Toques de Apitos utilizados nos Gemares -----	-34
Cerimônias do Pavilhão Nacional -----	-35
Cadeia da Fraternidade -----	-37
Atividades Regionais e Nacionais -----	-38
Hino Rataplan do Mar -----	-40
Livros -----	-42
Sistema de Patrulhas embarcado-----	-42
Canto de Patrulha/Paiol -----	-43
Cursos para Chefes -----	-44
Manobras de Fundeio -----	-46
Conhecimento de Nós e Voltas -----	-49
Personalidades da Modalidade do Mar -----	-54
Apelidos ou Codinomes de Mar -----	-60
Linguajar Marinheiro -----	-61
Batismo da embarcação ou Patrão-----	-62

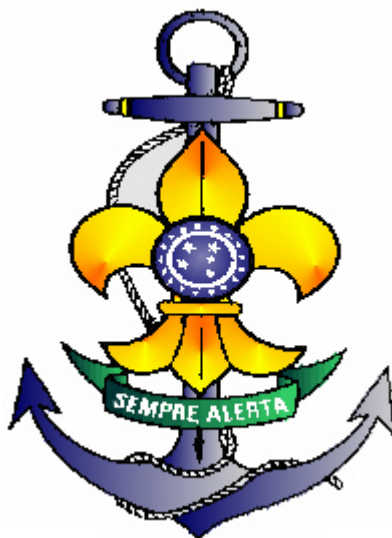
INTRODUÇÃO

O Escotismo do Mar procura desenvolver nos jovens o gosto pela vida no mar através de uma cultura marítima e de um espírito marinheiro, podendo também ser praticado em lagoas, represas, mares e rios. Pelas artes e técnicas marinheiras, pela navegação à vela, remo e a motor, pelas viagens, pelos transportes marítimos, pela pesca, pelo estudo da oceanografia, pela exploração, pelos esportes submarinos e náuticos, incentivando o culto das tradições de nossa Marinha, os Escoteiros do Mar praticam o Escotismo realizando também os acampamentos e excursões em terra, geralmente em ilhas.

Prologo

Tradição é uma palavra com origem no termo em latim *traditio*, que significa "**entregar**" ou "**passar adiante**". A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer partes da cultura. Para que algo se estabeleça como tradição, é necessário bastante tempo, para que o hábito seja criado. Diferentes culturas e mesmo diferentes famílias possuem tradições distintas. Algumas celebrações e festas (religiosas ou não) fazem parte da tradição de uma sociedade. Muitas vezes certos indivíduos seguem uma determinada tradição sem sequer pensarem no verdadeiro significado da tradição em questão. No âmbito da **etnografia**, a tradição revela um conjunto de costumes, crenças, práticas, doutrinas, leis, que são transmitidos de geração em geração e que permitem a continuidade de uma cultura ou de um sistema social. Temos a intenção de eliminar qualquer dúvida referente a tradição da Modalidade do Mar do Escotismo Brasileiro, para as autoridades Escoteiras, militares e ao público em geral. Esse material pode e deverá ser uma fonte de informação, para os futuros grupos Escoteiros que se formarem e para os que queiram resgatar e manter a verdadeira tradição marinheira Escoteira.

Símbolo Nacional da Modalidade do Mar



Ferro do tipo Almirantado, composta por boça atada no Anete, contornando a haste e o braço, com a Flor de Lis e faixa com o texto “Sempre Alerta” ao centro, seguido de nó direito logo abaixo entre as palavras “Sempre” e “Alerta”.

SÍMBOLOS NACIONAIS BRASILEIROS

Os Símbolos Nacionais do Brasil foram definidos na Lei 5.700 de 1º de setembro de 1971. Além de estabelecer quais são os símbolos, esta lei também fez determinações sobre como devem ser usados, padrões e formatos, significados, etc. Estes símbolos são de extrema importância para nossa nação, pois representam o Brasil dentro e fora do território nacional. Logo, devem ser respeitados por todos os cidadãos brasileiros. Os Símbolos Nacionais são usados em cerimônias, documentos oficiais, eventos e localidades oficiais.

BANDEIRA NACIONAL:

Esfera azul, representando nosso céu estrelado, ao centro com a frase "Ordem e Progresso". São 27 estrelas, representando os 26 estados e o Distrito Federal. Losango Amarelo ao centro representando o ouro. Retângulo verde, representando nossas matas e florestas.



ARMAS NACIONAIS

No centro há um escudo circular sobre uma estrela verde e amarela de cinco pontas. O cruzeiro do sul está ao centro, sobre uma espada. Um ramo de café está na parte direita e um de fumo a esquerda. Uma faixa sobre a parte do punho da espada apresenta a inscrição "República Federativa do Brasil". Numa outra faixa, abaixo, apresenta-se "15 de novembro" (direita) e "de 1889" (esquerda)



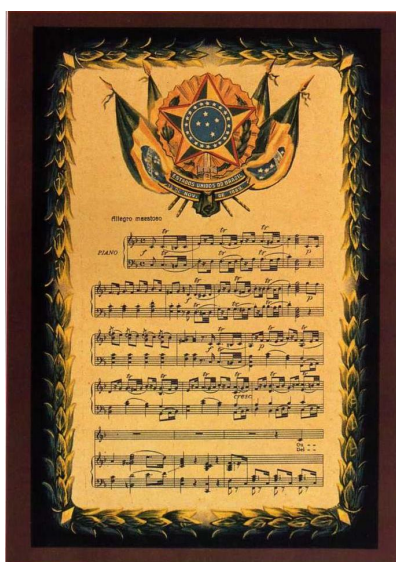
SELO NACIONAL

Usado para autenticar documentos oficiais e atos do governo. Usado também para autenticar diplomas e certificados emitidos por unidades de ensino reconhecidas. É representado por uma esfera com as estrelas (semelhante a da bandeira brasileira), apresentando a inscrição República Federativa do Brasil.



HINO NACIONAL

Tocado em solenidades e eventos oficiais do governo, eventos esportivos e culturais e nas escolas, junto com o hasteamento da Bandeira Nacional.



Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,

Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

BandeirasEscoteiras

Bandeira do Bureau Mundial

A Bandeira do *World Organization of the Scout Movement* (WOSM) Organização Mundial do Movimento Escoteiro é retangular, medindo 130 cm de comprimento por 90 cm de altura, na cor roxa, tendo ao centro seu símbolo em branco.



Bandeira da União dos Escoteiros do Brasil

A bandeira da União dos Escoteiros do Brasil é retangular, medindo 130 cm de comprimento por 90 cm de altura e tem as cores e o desenho definidos pelo Conselho de Administração Nacional.



Bandeiras das Regiões Escoteiras

As bandeiras das Regiões Escoteiras, nas mesmas dimensões da bandeira da União dos Escoteiros do Brasil, têm as cores e o desenho escolhidos pela Assembleia Regional, não podendo se confundir com o pavilhão nacional ou com a bandeira da União dos Escoteiros do Brasil.

Bandeira da Modalidade do Mar



Estabelecida desde 1921 a bandeira da Modalidade do Mar foi criada pelo Chefe Jarbas Pinto Ribeiro integrante do 7º/RJ GEMAR Benevenuto Cellini em Niterói, que também foi membro da Coordenação Nacional dos Escoteiros do Mar da União dos Escoteiros do Brasil.

Deverá ser utilizada para acompanhar o içar da Bandeira Nacional, habitual, nos Grupos de Mar, em desfiles, em apresentações, nas embarcações para identificação. Em desenhos ilustrativos e decorativos, camisetas e agasalhos, desde que com respeito adequado pelo símbolo.

Tecido na cor Azul Marinho. Distintivo no centro, circulado pelo número de estrelas igual ao de estados do Brasil. A cor das estrelas é branca. Linha azul nas duas faces. A tralha de brim à esquerda, é na cor branca.

Bandeiras das Unidades Escoteiras Locais As bandeiras das unidades escoteiras locais, nas mesmas dimensões da bandeira da União dos Escoteiros do Brasil, têm as cores e o desenho escolhidos

pela Assembleia da Unidade Escoteira Local, não podendo se confundir com o pavilhão nacional ou com as bandeiras da União dos Escoteiros do Brasil e das Regiões. Esta tradição da utilização da bandeira X-Ray do C.I.S. pelos Escoteiros do Mar, vem desde a sua criação em 1910, significa “pare as manobras, e preste atenção em mim”. Muito significativo para a importância do Escotismo do Mar.



Dimensão das Bandeiras.

A bandeiras devem seguir as proporções da Bandeira Nacional a qual é produzida em alguns tipos padronizados (1 pano, 2 panos, 2 ½ panos etc) com cada pano na dimensão de 45cm de largura e o comprimento na proporção de 20/14 (Lei 5700/71), ou seja, a bandeira de 2 panos (a mais comum) possui as dimensões de 90 x 130cm aproximadamente. Assim, recomendamos que as Bandeiras da Modalidade e Bandeira do Grupo sigam as medidas da Bandeira Nacional utilizada pelo Grupo.

O distintivo da Modalidade tanto nas Flâmulas como na bandeira possui a medida padrão de 22 x 17cm (seguindo a proporção quando alteradas as dimensões da Bandeira/Flâmula). As Estrelas na Bandeira de Grupo ou nas Flâmulas, possui a dimensão de 5cm (de ponta a ponta).

As Flâmulas possuem o tamanho padrão de 1 pano (45 x 65cm), podendo também serem confeccionadas em dimensões menores desde que respeitadas as proporções (ex. 22,5 x 32,5cm).

ATENÇÃO: As Flâmulas utilizadas não poderão possuir dimensões maiores que a Bandeira Nacional hasteada em conjunto.

Padroeiro dos Escoteiros do Mar “São Pedro”



Segundo o relato no Evangelho de São Lucas, Pedro teria conhecido Jesus quando este lhe pediu que utilizasse uma das suas embarcações, de forma a poder pregar a uma multidão de gente que queria ouvi-lo. Pedro, que estava a lavar as suas redes com São Tiago e João, seus sócios, concedeu-lhe o lugar na embarcação que foi afastada um pouco da margem, no final da pregação, Pedro disse-lhe que tentara em vão pescar durante toda a noite e nada conseguira, mas, em atenção ao seu pedido, fá-lo-ia. O resultado foi uma pescaria de tal monta que as redes iam rebentando, sendo necessária a ajuda dos barcos dos seus sócios, que também quase afundaram puxando os peixes. Numa atitude humilde e espontânea Pedro prostrou-se perante Jesus e disse para que se afastasse dele, já que era um pescador. Jesus encorajou-o, então, a segui-lo, dizendo que o tornara um pescador de homens.



Oração do Escoteiro do Mar.

"Oh Senhor, infundi em nós, Escoteiros do Mar, o espírito de valor e fortaleza que nos legaram aqueles velhos homens do mar dos velhos tempos. Que saibamos fazer nossas, as nobres tradições estabelecidas por eles, e que na solidão das horas imensas da travessia, saibamos encontrar o caminho de vossos corações. E que nesse refúgio, aprendamos a amar com a força espiritual, para enfrentar os esforços e dificuldades da vida. Assim seja, Amém."

DISTINTIVO DE CHEFE ESCOTEIRO DO MAR



O distintivo de Chefe Escoteiro do Mar será utilizado por aquele que atender os seguintes requisitos: a) Ter sido aprovado no CTMAR (Curso Técnico do Mar); b) Possuir o Nível Básico em qualquer das linhas de formação da União dos Escoteiros do Brasil, devidamente homologado; c) Ser membro de um Grupo Escoteiro da Modalidade do Mar, Seção Autônoma da Modalidade do Mar ou estar lotado em função regional ou nacional relativa à prática da modalidade do mar; d) Possuir anotado em seu histórico escoteiro o mínimo de 50 (cinquenta) horas embarcadas; e) O distintivo de Chefe Escoteiro do Mar será concedido pelo COREMAR, ou em sua ausência pelo CONAMAR, avaliada apresentação dos itens necessários. O distintivo é utilizado no terço médio da manga esquerda do uniforme de embarque ou desembarque, típico da Modalidade do Mar.



O distintivo (crachá) de Chefe Escoteiro do Mar utilizado no boné ou estilo Marinha (Quepe) deverá conter obrigatoriamente a Flor de Lis dos Escoteiros do Mar, encimada ao ferro, identificando, portanto, que não é um distintivo Militar. O presente distintivo também poderá ser utilizado em boné simples todo branco, alternativo ao boné “formal” estilo Marinha, em dimensões pouco menores.



DISTINTIVO DE Veleiro Concedido pela Diretoria Regional para Jovens do Ramo Sênior aprovados no CTMAR - Curso Técnico do Mar, portadores da Carteira de Habilitação de Veleiro Amador. O distintivo é retangular com o fundo branco e borda branca, tendo ao centro uma Volta do Fiador (nó em oito) em posição horizontal e centralizada, bordada na cor preta. É usado centralizado e acima do bolso direito da camisa. 1,75 cm 3,5 cm 8 cm 6 cm. Este distintivo poderá ser conquistado por jovens a partir dos 16 anos.



DISTINTIVO DE ARRAIS Concedido pela Diretoria Regional para Escotistas ou dirigentes aprovados no CTMAR - Curso Técnico do Mar, portadores da Carteira de Habilitação de Arrais Amador. O distintivo é retangular com o fundo branco e borda branca, tendo ao centro uma

Volta do Fiador (nó em oito) em posição horizontal e centralizada, bordada na cor preta e encimada por uma estrela na cor amarela. É usado centralizado e acima do bolso direito da camisa. Não é usado comitaneamente com o distintivo de Veleiro, Mestre ou Capitão. 1,75 cm 3,5 cm 8 cm 6 cm Distintivo Chefe Escoteiro do Mar 8,5 cm 8,5 cm Distintivo-crachá



DISTINTIVO DE MESTRE Concedido pela Diretoria Regional para Escotistas ou dirigentes aprovados no CTMAR - Curso Técnico do Mar, portadores da Carteira de Habilitação de Mestre Amador e que contem, pelo menos, com 120 horas de navegação, após a conquista do distintivo de Arrais, apontadas em caderneta própria. O distintivo é retangular com o fundo branco e a borda na cor branca, tendo ao centro uma Volta do Fiador (nó em oito) em posição horizontal e centralizada, bordada na cor preta e encimada por duas estrelas na cor amarela. É usado centralizado e acima do bolso direito da camisa. Não é usado comitaneamente com o distintivo de Veleiro, Arrais ou Capitão.



DISTINTIVO DE CAPITÃO Concedido pela Diretoria Regional para Escotistas e dirigentes possuidores do CTMAR ou que sejam instrutores neste Curso, portadores da Carteira de Habilitação de Capitão Amador e que contem, pelo menos, com 120 horas de navegação, após a conquista do distintivo de Mestre, apontadas em caderneta própria, arquivada junto a Unidade Escoteira Local. O distintivo é retangular como fundo branco e a borda na cor branca, tendo ao centro uma Volta do Fiador (nó em oito) em posição horizontal e centralizada, bordada na cor preta e encimada por três estrelas na cor amarela. É usado centralizado e acima do bolso direito da camisa. Não é usado comitantemente com o distintivo de Veleiro, Arrais ou Capitão.

Distintivo dos membros juvenis

Distintivo de Grumete



INSÍGNIA DA MODALIDADE DO MAR – GRUMETE – concedida pela Diretoria de Nível Local ao Escoteiro que possuir 3 especialidades relacionadas à Modalidade do Mar, pelo menos no Nível 2, dentre as seguintes: Arte da Marinharia, Aquariofilia, Canoagem, História Marítima, Marinharia, Mergulho Autônomo, Mergulho Livre, Mecânica de Motor de Popa, Natação, Pesca, Vela, Meteorologia, Oceanologia, Reparos em Fibra, Remo, Salvamento e Sinalização.

É um distintivo quadrado de tecido branco, dentro do qual estão bordados dois remos cruzados.

Distintivo de Insignia Naval



INSÍGNIA DA MODALIDADE DO MAR – NAVAL – concedida pela Diretoria de Nível Local, ao Sênior ou Guia que possuir 3 especialidades relacionadas à Modalidade do Mar, no Nível 3, dentre as seguintes: Arte da Marinharia, Aquariofilia, Canoagem, História Marítima, Marinharia, Mergulho Autônomo, Mergulho Livre, Mecânica de Motor de Popa, Natação, Hidrografia, Pesca, Vela, Meteorologia, Oceanologia, Reparos em Fibra, Reparos Navais, Remo, Salvamento, Segurança no Mar, Sinalização, Sobrevivência no Mar e Surf.

É um distintivo redondo de tecido branco, dentro do qual está bordado um leme.

Distitivos de Especialidades do Mar



Especialidades são atividades complementares, individuais e voluntárias que os membros juvenis desenvolvem de forma paralela ao calendário de atividades da Seção, com objetivo de fomentar a aquisição e o exercício em torno de um tema específico, estimular o desenvolvimento de suas aptidões naturais, motivar a exploração de novos interesses, melhorar sua autoestima e contribuir para que prestem um serviço mais qualificado.

As Especialidades são divididas em cinco áreas de conhecimento: Serviço, Habilidade Escoteira, Ciência e Tecnologia, Desporto e Cultura. E também são subdivididas em três níveis, representadas pelas cores: 1º Nível – Amarelo, 2º Nível – Verde e 3º Nível Grená. Sendo o total de etapas divididas em 3/3, onde cada 1/3 das etapas representas os níveis. Sendo assim a totalidades das etapas concluídas é representada pela cor Grená.

Para a conquista dos Cordões Verde/Amarelo, Vermelho/Branco, Desafio Sênior e Cordão Dourado, os Escoteiros do Mar tem a obrigatoriedade de ter especialidades relacionadas com a modalidade. Desta forma devemos incentivá-los a conquista-las, pois além de serem necessárias para o seu desenvolvimento na modalidade, são essenciais para a conquista dos Distintivos Especiais. Para os Escoteiros do Mar, a mais importante delas e a Especialidade de Natação, pois e uma obrigação de todos os Escoteiros do Mar, saber nadar bem.

Segue abaixo a relação das especialidades relacionadas à Modalidade do Mar.

Aquariorfilia
Canoagem
Hidrografia

Aquicultura
Cartografia
História Maritima

Arte da Marinharia
Comunicações
Marinharia

Mecânica de motor de Popa	Mergulho Autônomo	Mergulho Livre
Meteorologia	Natação	Oceanologia
Pesca	Plastimodelismo	Primeiros Socorros
Reparos Navais (Fibra)	Remo	Salvamento
Segurança No Mar	Sinalização	Socorrismo
Sobrevivência no Mar	Surf	Vela

Uniformes do Mar

Uniforme escoteiro para Lobinhos e Lobinhas: a) Camisa de brim ou tergal azul marinho, com bainha interna, mangas curtas ou compridas, pontas da gola abotoadas, martingales com botões nos ombros, dois bolsos macheados com portinholas e botões pretos; b) Camiseta exibindo motivo escoteiro, usada em atividades, para substituir a camisa; c) Calça ou bermuda do mesmo tecido e cor da camisa, dois bolsos laterais embutidos e dois traseiros aplicados, com portinholas e botões pretos e passadeiras para o cinto; d) Saia do mesmo tecido e cor da camisa, “evasé”, com seis panos e pregas costuradas até a barra, sem bolsos laterais e com dois bolsos traseiros aplicados, com portinholas e botões pretos, passadeiras para cinto e zíper lateral, devendo ser usada sobre shorts ou bermuda de malha azul marinho ou preto; e) Cinto na mesma cor do uniforme, com fivela de metal dourado tendo ao centro uma cabeça de lobo; f) Meias cinza, tamanho $\frac{3}{4}$, com canhão. Em dias muito frios, recomenda-se às meninas o uso de meia-calça cor da pele. g) Calçados pretos. Lenço escoteiro de uso obrigatório nas cerimônias e ocasiões formais, em formato triangular, com catetos medindo de 60 a 90 cm, na cor ou cores adotadas pelo Nível ou órgão escoteiro local; passando e fechando no pescoço por um anel. O lenço poderá ser usado quando a camiseta estiver substituindo a camisa; i) Cobertura boné tipo “jóquei”, azul marinho, com seis frisos de cordão amarelo, e distintivo do Ramo Lobinho (cabeça de lobo em amarelo sobre fundo azul) no centro da copa do mesmo, sobre a linha mediana da pala;



(Uniforme de desembarque a) Parte superior: camiseta, camisa polo, camisa de manga, sempre na cor branca. b) Parte inferior: bermuda e calça para uso masculino e feminino, e saia para uso feminino, na cor azul marinho. c) Calçado, de tipo tênis branco ou preto e sapato preto d) Meias brancas com o uso do tênis e meias pretas com o uso do sapato. e) Cinto, conforme os padrões definidos no POR, f) Cobertura, Caxangá, Boné ou Quepe. g) Agasalho: quando necessário, nos padrões comercializados pela União dos Escoteiros do Brasil, inclusive a jaqueta do vestuário escoteiro, ou conforme definido pela Unidade Escoteira Local. Os membros de uma Seção devem ser incentivados a usar, tanto quanto possível, agasalhos de um mesmo tipo. h) Lenço escoteiro do Grupo.



Uniforme de embarque a) Camisa de brim mescla, aberta até o meio, com ilhoses por onde passa um cordão branco, mangas curtas ou compridas, Martin galês com botões nos ombros, dois bolsos macheados com portinholas, botões pretos; b) Camiseta exibindo motivo escoteiro, usada em atividades, para substituir a camisa; c) Bermuda de

brim mescla, dois bolsos laterais embutidos e dois traseiros aplicados, com portinholas e botões pretos e passadeiras para o cinto; d) Saia de brim mescla; e) Cinto Escoteiro de couro; f) Meias brancas ou pretas de cano curto ou cinzas, tamanho $\frac{3}{4}$, com canhão; g) Calçados tipo tênis, de cor branca ou preta; h) Lenço escoteiro do nível local; Cobertura caxangá de brim branco, tipo “Marinha”, abas direitas para cima, Quepe tipo “Marinha” ou bico de pato, confeccionado em tecido azul marinho, com o distintivo da modalidade; O Uniforme de Embarque pode ser substituído por short ou bermuda com a camiseta de motivo escoteiro.



Lenços Escoteiros

Lenço escoteiro de uso obrigatório nas cerimônias e ocasiões formais, em formato triangular, com catetos medindo de 60 a 90 cm, na cor ou cores adotadas pelo Nível ou órgão escoteiro, passando e fechando no pescoço por um anel. Em lugar de adotar lenço com cores e desenhos próprios, todos os órgãos escoteiros do Mar, tem como tradição o uso do lenço branco quadrado, podendo variar em seu adorno.



Nomes de Grupos de Escoteiros do Mar

As Unidades Escoteiras Locais poderão escolher o nome de pessoas inspiradoras como seus patronos ou outras denominações similares, sendo vedada a utilização de nomes de pessoas vivas, bem como a repetição de um mesmo nome na mesma Região Escoteira. Quando a maioria das Seções dos Ramos Escoteiro e Sênior de um Grupo Escoteiro adotar a Modalidade do Mar ou do Ar, o Grupo Escoteiro poderá adotar a denominação de Grupo Escoteiro do Mar ou do Ar, conforme o caso. As Unidades Escoteiras Locais patrocinadas podem usar, após a denominação, o nome ou sigla que identifique a entidade patrocinadora. As Unidades Escoteiras Locais patrocinadas por instituições religiosas poderão incorporar a sua denominação o adjetivo que identifique seu credo religioso. As Seções de um Grupo Escoteiro, quando autorizadas pela Diretoria do Grupo, poderão adotar nomes de patronos (ou designações similares), sendo vedados os mesmos casos já citados para a definição de patronos. Seguindo a tradição do Mar, a escolha do nome do GEMAR deveser de um herói Naval, um navegador/explorador ou um ambientalista marinho.

Nome das Patrulhas Escoteiras e Sênior

A Tropa Escoteira é integrada por equipes denominadas Patrulhas ou Guarnições quando embarcado, cada uma contendo de cinco a oito jovens. No caso de Tropas Escoteiras mistas, as Patrulhas também podem ser compostas por jovens de ambos os sexos, ou apenas por escoteiros ou apenas por escoteiras, se os jovens assim desejarem. As Patrulhas se constituem em base permanente, autônoma e autossuficiente para a realização de cruzeiros, acampamentos, trabalhos, jogos, boas ações, atividades comunitárias e demais atividades escoteiras. Cada Tropa Escoteira terá, no máximo, cinco patrulhas, desde que respeitado o efetivo máximo. Cada Patrulha tem como designativo o nome de um animal marinho. As cores dos escalpes de Patrulha, serão, quando não houver, as cores do animal escolhido. Exemplo; Patrulha Carpa, Estrela do Mar, Foca, Fragata, Tubarão, etc.



A Tropa Sênior é integrada por equipes denominadas Patrulhas ou Guarnição, cada uma contendo de quatro a seis jovens. No caso de tropas mistas, as Patrulhas também podem ser compostas por jovens de ambos os sexos, apenas por seniores ou apenas por guias, se os jovens assim desejarem. As Patrulhas se constituem em base permanente, autônoma e autossuficiente para a realização de excursões, acampamentos, cruzeiros, trabalhos, jogos, boas ações, atividades comunitárias e demais atividades escoteiras. Cada Tropa Sênior terá, no máximo, cinco patrulhas, desde que respeitado o efetivo máximo. Cada Patrulha Sênior/Guia adota um nome característico, que pode ser o de acidente geográfico ou o de uma tribo indígena nacional. As cores dos escalpes de Patrulha, serão, se não houver, as cores do ambiente natural que escolheram. Nos trabalhos e atividades que por sua natureza exijam interesses, habilidades ou conhecimentos especializados, os jovens poderão montar Equipes/Guarnições de Interesse que podem ser integradas por membros de diferentes Patrulhas. A coordenação de cada equipe caberá a um jovem escolhido pela própria equipe. Exemplo de nomes de patrulhas; Patrulha Ilha da Boa Viagem, Ilha de Paquetá, Ilha de Boqueirão, Ilha Grande, etc.



Bastões dos Monitores

Monitores, o bastão e a bandeirola devem ser ricamente adornados com as eficiências e desenhos pirogravados recordando os feitos famosos da Patrulha: Os acampamentos, os nomes dos antigos monitores, etc... A medida que o tempo passar, o totem terá um significado cada vez maior e mais profundo para seus membros de Patrulha, transformando-se em verdadeira história viva. O bastão é um cabo de madeira com 1,60 m de altura e a bandeirola deverá ter as medidas máxima de 28x40cm, terão as cores características da Patrulha e exibirão seu nome e/ou um desenho que caracterize. É muito utilizado em jogos e avaliações. Normalmente possui gravações com sinais de pista, figura escoteira, data de atividades, medidas, etc. É um dos símbolos maiores da Patrulha e deve ser tratado com muito respeito. Sua guarda é de responsabilidade do Monitor.

O bastão deve ser honrado e querido por todos os membros da Patrulha. Que vergonha para a Patrulha, em ver-se um totem atirado ao chão ou num canto qualquer cheio de manchas ou servindo de "muleta" para o Monitor! O Bastão dos Escoteiros do Mar tem uma curiosidade, o uso do Croque na ponta do bastão, ele tem varias funções embarcadas. Exemplo; Pegar um objeto na agua, auxiliar na atracagem, pegar a poita para fundeio, etc.

O símbolo representativo da história da Alcateia é o bastão-totem. Este é encimado por uma cabeça ou corpo de lobo, construído e adornado de acordo com as tradições de cada Alcateia e deve ser utilizado de acordo com as orientações descritaspelo Chefe de seção.



Classificação das Embarcações

As embarcações de esporte ou recreio são classificadas da seguinte forma;

- a) Mar aberto – realizadas em águas marítimas consideradas desabrigadas. As áreas de navegação de mar aberto são subdivididas nos seguintes tipos:
 - 1) Navegação Costeira – Aquelas realizadas dentro dos limites de visibilidade da costa. Até a distância de 20 Milhas (Mestre Amador)
 - 2) Navegação Oceânica Considerada sem restrições, aquela realizada além das 20 Milhas da costa (Capitão Amador)
- b) Interior – A realizada considerada em águas abrigadas (Veleiro, Motonauta, e Arrais Amador) As áreas de navegação interior são subdivididas nos seguintes tipos:
 - 1) Área I – Áreas abrigadas, tais como Lagos, Lagoas, Baias, Rios e Canais. Onde normalmente não sejam verificadas ondas com alturas significativas, que não apresentem dificuldades ao tráfego das embarcações.
 - 2) Área II – Áreas parcialmente abrigadas. Onde eventualmente sejam observadas ondas com alturas significativas ou combinações adversas de agentes ambientais, tais como ventos, correnteza, ou mare, que dificultem o tráfego das embarcações.

As embarcações pertencentes aos grupos escoteiros do mar ou que estejam engajadas em atividades, possuem as seguintes classificações:

NT (Navio de Tropa) – São embarcações em que comporta uma tropa e seus chefes como tripulantes.

NP (Navio de Patrulha) – São embarcações em que comporta uma patrulha como tripulantes.

NL (Navio Ligeiro) – São embarcações pequenas para até três tripulantes.

NE (Navio Escola) – São embarcações destinadas para instruções.

Cada Navio deverá ter um livro de registros (Diário de Bordo – DB) que conterá as seguintes informações: data da atividade; participantes e suas funções, deixando claro qual pessoa responsável (Patrão ou comandante) no momento; horário do começo e fim da manobra; material usado; material danificado; registro do tempo (classificação de ventos, temperatura, nuvens, mar e marés) incluindo suas mudanças ao longo do tempo; alimentação e etc. quanto maior os detalhes melhor

para futuras avaliações. Deve ser registado no livro as manutenções, sejam periódicas ou reformas.

Tipos de embarcações

Balsa, Barcaça, Bote, Chata, Escuna, Flutuante, Hovercraft, Jangada, Lancha, Saveiro, Traineira, Veleiro, late, Moto Aquática (Jet Sky), Baleeira, e similares e outras embarcações.

Quanto ao Porte as Embarcações podem ser Divididas em:

MIUDAS – Com o comprimento igual ou inferior a 5 metros ou, com o comprimento menor que 8 metros que apresentem as seguintes características: Convés aberto, convés fechado, mas sem cabine habitável e sem propulsão mecânica fixa e que, caso utilizem motor de popa, este não exceda 30HP. Considera-se cabine habitável, aquela que possui condições de habitabilidade.

MEDIO PORTE – Com comprimento inferior a 24 metros, exceto as miúdas. São tratadas como embarcações certificadas classe 2, não são registradas no tribunal Marítimo

GRANDE PORTE – Com o comprimento igual ou superior a 24 metros. São tratadas como embarcações certificadas classe 1 tendo a obrigatoriedade de ter seu registro no Tribunal Marítimo, se possuírem arqueação bruta maior que 100 metros.

Içar de Bandeiras para as autoridades Escoteiras ou assemelhadas

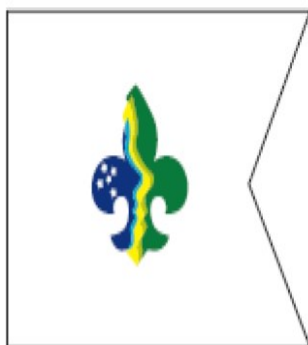
Flâmulas de representação funcional são içadas na sede ou na embarcação para demonstrar a presença no local das autoridades Escoteiras ou assemelhados, da Modalidade do Mar ou membros da Diretoria Nacional identificando a sua função com o devido toque de apito marinho. Içar a flâmula além de comunicar a todos que a autoridade esta no local, e um sinal de saudação e respeito pela função que ocupa. Para a autoridade recorda a devida responsabilidade de sua função. E usada apenas a flâmula mais alta presente na sede ou na embarcação. As flâmulas dos Chefes de seções são içadas no mastro do lado esquerdo da flâmula da autoridade maior presente. O içamento da Flâmula do Diretor Presidente da unidade local será acompanhado

toque de apito, que se dará na chegada do mesmo. Quando realizar a cerimônia de içamento do pavilhão nacional, as flâmulas que estiverem içadas deveram descer, e logo após a subida da bandeira nacional, as flamulas votam a subir.

Diretores da UEB



DIR.PRES.UEB



DIR.PRES.REGIÃO



CONSELHEIRO CAN
ESCOTISTA DO MAR

Coordenação Nacional da Modalidade do Mar



CONAMAR



CONAMAR-adjunto

Coordenação Regional da Modalidade do Mar



COREMAR



COREMAR-adjunto

Nível Local / Grupo Escoteiro



A cor identifica o ramo da seção

Código Internacional de Sinais – CIS

O **código internacional de sinais** (CIS) utilizado pela navegação marítima serve de comunicação entre dois ou mais navios, podendo ser representado por código NATO, código Morse ou um conjunto de bandeiras.

O objetivo do Código Internacional de Sinais (CIS) é prover meios e significados de comunicação essencialmente relacionados à segurança de navegação e de pessoas, especialmente quando há barreiras e dificuldades entre idiomas distintos.

	Alfa	Tenho um mergulhador na água. Mantenha-se afastado e navegue a baixa velocidade.
	Bravo	Estou a carregar ou descarregar, ou a transportar carga perigosa.
	Charlie	Sim (resposta afirmativa ou "O significado do grupo anterior deve ser interpretado na forma afirmativa").
	Delta	Mantenha-se afastado de mim; estou a manobrar com dificuldade.
	Echo	Estou a guinar para estibordo
	Foxtrot	Estou com avaria; comunique comigo.
	Golf	Preciso de um piloto. (<i>em locais de pesca e por navios de faina pesqueira a curta distância uns dos outros, significa "Estou a meter dentro as minhas redes"</i>).
	Hotel	Tenho piloto a bordo.
	India	Estou a guinar para bombordo.
	Juliet	Mantenha-se bem afastado de mim. Tenho fogo a bordo e transporto carga perigosa ou estou a derramar carga perigosa.
	Kilo	Desejo comunicar consigo.
	Lima	Pare o seu navio imediatamente.
	Mike	O meu navio está parado e sem seguimento.
	November	Não (resposta negativa ou "O significado do grupo anterior deve ser interpretado na forma negativa").
	Oscar	Homem ao mar.
	Papa	Num porto: Todas as pessoas devem regressar a bordo porque o navio vai largar. No mar: As minhas redes estão presas num obstáculo.
	Quebec	O estado sanitário do meu navio é bom e peço livre prática.
	Romeo	
	Sierra	Estou operando com propulsão à ré.
	Tango	Mantenha-se afastado; nós estamos a pescar de arrasto em parilha.
	Uniform	Você está a dirigir-se para um perigo.
	Victor	Preciso de assistência
	Whiskey	Preciso de assistência médica.
	X-Ray	Suspenda as suas manobras e preste atenção aos meus sinais.
	Yankee	Estou a arrastar o meu ferro (garrar).
	Zulu	Preciso de um rebocador. (<i>em locais de pesca e por navios de faina pesqueira a curta distância uns dos outros, significa "Estou a lançar as minhas redes"</i>).

Toques de Apitos para Autoridades Escoteiras ou assemelhados

O apito marinho é uma tradição dos homens do mar em várias culturas náuticas, nas diversas Marinhas ao redor do Planeta. Assim, os principais eventos da rotina de bordo são ordenados por toques de apitos. O apito serve também, para chamadas de quem exerce funções específicas ou para alguns eventos que envolvam uma pequena parte da tripulação. Ele tem sido ao longo do tempo, uma das peças mais características do equipamento de uso pessoal da gente de bordo. Com o passar dos tempos, o apito se tornou uma espécie de distintivo de autoridade e mesmo de honra. Na Inglaterra, o Lord High Admiral usava um apito de ouro ao pescoço, preso por uma corrente. Um apito de prata era usado por oficiais em comando, como “Apito de Comando”. Eram usados como símbolos de tanta consideração que, em combate, um oficial que usasse um apito preferia jogá-lo ao mar, a deixá-lo cair em mãos do inimigo. O apito hoje continua preso ao pescoço por um cadarço de tecido chamado de “Fiel do Apito”, e tem utilização para os toques de rotina e comando de manobras. Permanece na Bandeira, o costume dos sete vivas, pelo apito do marinho. Durante o içar ou arriar da Bandeira, o Escoteiro designado pelo Chefe, dependendo da ocasião, faz soar sete vezes o apito, correspondendo aos sete vivas que é a maior saudação por apito.

Tipo de Apito

Hoje utilizamos o Apito marinho básico, que é composto de cinco partes:

- 1- Tambor
- 2- Tubo condutor
- 3- Bocal
- 4- Suporte
- 5- Olhal



Fiel do Apito

Os Grupos Escoteiros do Mar podem usar o fiel na cor Branca em sua preferencia, com alguns casos em exceção, como os utilizados pela tropa sênior ou o clã de pioneiros, que queiram misturar as cores da sessão com o branco. A tradição manda que os fieis sejam trabalhados na arte marinheira, e tenha vários nos e pinhas conforme exemplo abaixo.



Afinação do apito marinheiro

A afinação do apito marinheiro comum e feita adicionando alguns pingos de vela no tambor, normalmente umas duas gotas basta, e depois amassar o tubo condutor um pouco, perto do tambor, para que o ar vá direto ao tambor. Para fazer a verificação, use a mão na posição aberta (La) iremos ter um som grave, e depois verificando se fechando a mão (Mi) teremos um som agudo. Isso

pode ser feito comparando com um apito já afinado, ou com o auxílio de um chefe ou instrutor que saiba afinar.

O apito possui duas notas, aberta (La) grave ou fechada (Mi) aguda ou aberta, sendo que cada nota desta pode ser usada de maneira normal (La ou Mi) ou trinada (Ra ou Ri) utilizadas para o toque de presença de autoridades ou Diretores Presidentes de UEL.



Toques de apitos utilizados pelos Escoteiros do Mar

Os Escoteiros do Mar utilizam basicamente seis toques em sua rotina. São eles, Hastear/Arriar, Reunir geral, Rancho, Silencio, Alvorada e Presença de autoridade ou Diretor Presidente de UEL. Podendo os grupos do mar, utilizar outros toques que achar necessários.

Bandeira Nacional;

LAA MII LAAA 6 VEZES E LAA MII LAAA MI PARA ENCERRAR



Autoridades Escoteiras, Civis e Militares

RAA RIII RAAAA ##

LAAAA LAAAA LAAAA LA MI LA ## LAAAA MI 3 VEZES

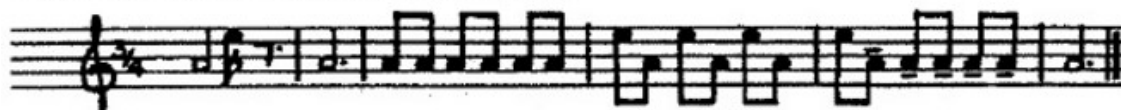
Diretor Presidente UEL

RA RI RA #

LAAAA LAAAA LAAAA LA MI LA # LAAA MI 2 VEZ

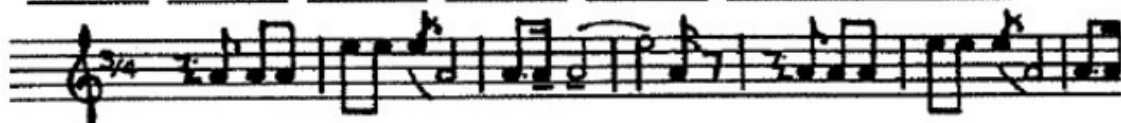
Rancho;

LAAA MI ## LAAAA
 LA LA LA LA LA
 LA MI LA MI LA MI LA MI
 LAA LAA LAA LAA LAA LAAAA



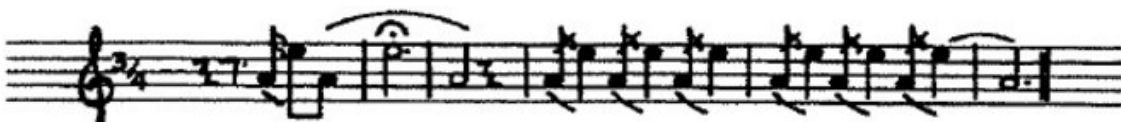
Reunir geral;

LA LA LA MI MI MI LAAA LAA LAAAAA MIII LA ###
 LA LA LA MI MI MI LAAAAA LA LAAA
 LA MII LA MII LA MII LA MII LA MII LA MII LAAAA



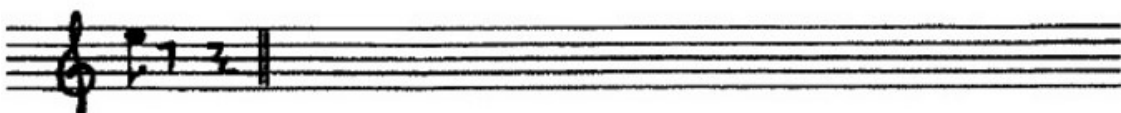
Alvorada

LA MI LA MIII LAAA ##
LA MII 5 VEZES E LA MII LAAAA PARA ENCERRAR



Silêncio;

LA MIII MI # LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA
 LA LA MI LA LA LA MI LA LA LA MI LA LA LA MI LA LA LA MI
 LA # LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LA LAAA MI



Cerimônias do Pavilhão Nacional

O pavilhão Nacional devera contar com todos do grupo reunidos em ferradura, para fazer saudação à bandeira. Este momento é sempre solene, a guarnição formara em frete ao mastro, onde o mais antigo ou “graduado” da guarnição comandara os demais. O mais antigo ficara com o pavilhão nacional, seguido do segundo mais antigo, o terceiro mais antigo ficara com a bandeira da modalidade, junto com quarto mais antigo, e o quinto mais antigo ficara com a bandeira de grupo, sempre sendo auxiliado por um lobinho ou escoteiro noviço, para segurar a bandeira com toda reverencia que ela merece. No momento que o mais antigo da guarnição pedir permissão para hastear a bandeira ao chefe responsável pelo cerimonial, este deverá dar as vozes de comando ao grupo. Após o comando ser dado o escoteiro responsável pelo toque de apito, abre o toque de sete vivas, e o Escoteiro responsável pelo sino abre o toque de três badaladas, sempre nos intervalos do apito. Logo após o hasteamento a guarnição forma em frente ao mastro e saúda o pavilhão nacional, na sequencia o mais antigo pede permissão ao chefe responsável para entrar em forma. Sempre que houver a presença de uma autoridade Escoteira ao cerimonial de bandeira, o chefe responsável devera pedir a permissão para prosseguir com a mesma.

Dinâmica do Hasteamento da Bandeira

O chefe responsável pelo cerimonial solicitara os voluntários para fazer o hasteamento. A guarnição entrara em forma lateralmente “ombro a ombro” e entraram no dispositivo da formação da bandeira, o mais antigo sempre ao pé do mastro, quando todos tiverem com as suas respectivas bandeiras prontas, o Escoteiro pedira ao chefe responsável a permissão de hastear o pavilhão nacional. O chefe então dará o comando de firme a todos os presentes, e dirá as seguintes ordens: Atenção grupo firme, pavilhão nacional em saudação. HASTEIA. Depois de hasteada a bandeira, a guarnição forma em frente ao mastro, e o Escoteiro comanda a guarnição, formando lateralmente e dando as vozes de comando; meia cobertura, firme, em saudação a bandeira, firme, ele virasse para o chefe responsável e diz Chefe permissão para entrar em forma. O chefe concede a permissão e a guarnição sai em fila para a ferradura.

Dinâmica do Arriamento da Bandeira

O chefe responsável pela cerimônia de arriamento da bandeira ira solicitar os voluntários, e os mesmo sairão de forma em direção aos mastros, onde entrarão em forma lateralmente e o mais antigo ira comandar firme, meia cobertura, firme, saudação ao pavilhão nacional, firme, chefe permissão para prosseguir a bandeira. Depois que todos estiverem prontos, o Escoteiro ira pedir permissão para fazer o arriamento da bandeira. O chefe responsável ira comandar o grupo com as seguintes vozes de comando: Alerta grupo firme, em saudação ao pavilhão nacional. ARRIA. O escoteiro que esta no apito abre o toque de sete vivas, e não há as três badaladas de sino no arriamento “devido ao horário”. Após a guarnição entra em forma em frente ao mastro e pede ao chefe permissão para entrar em forma, onde todos sairão em fila à ferradura. Sempre que a guarnição estiver hasteando ou arriando o pavilhão nacional, todos deverão estar sem cobertura.



Cadeia da Fraternidade

Na cadeia da fraternidade, que é comum entre todo o Escotismo mundial, os Escoteiros do Mar tem uma tradição, o mais antigo ou o que está no comando da cadeia da fraternidade, dá o comando: Firme, grita o nome do evento em si, e diz “Cruzar remos” e aí sim, todos entrelaçam as mãos “Mão direita sobre a mão esquerda, com as palmas das mãos voltadas para baixo e para cima nesta ordem”. No final, ao encerramento o mais antigo, sempre tem um espaço para falar, isso se ele não encerrar a cadeia da fraternidade ou podendo apenas recitar a promessa Escoteira. O encerramento é feito com o mais antigo ou quem comanda o evento dizendo em alto e bom som “Um por todos? E os outros respondem Todos por um, três vezes”. No final todos gritam Sempre Alerta. Para os Escoteiros do Mar, isso representa as três partes da promessa Escoteira.



Principais atividades Regionais, Nacionais e Internacionais do Escoteiro do Mar.



Dia dos Escoteiros do Mar

Dia 11 de Junho foi escolhido na década de 20, como o dia do Escoteiro do Mar no nosso País, em homenagem a Marinha do Brasil, pois foi em 11 de Junho de 1865 que se travou a famosa Batalha do Riachuelo, cuja vitória Brasileira definiu os rumos da Guerra do Paraguai. No confronto que ocorreu no rio Paraná, o Brasil saiu vitorioso, porque era justamente no setor naval, que o Brasil era mais preparado.



Regata da Escola Naval

Os Escoteiros do Mar tem em seu calendário de grupo, a tradicional regata da Escola Naval. Uma da mais antiga instituição de ensino Superior no Brasil abre as suas portas, sempre no segundo domingo do mês de outubro, para honrar as tradições navais, onde vários grupos de Escoteiros do Marvão competir e avaliar as suas habilidades marinheiras.

Ajuri Regional da Modalidade do Mar

O Ajuri Regional Configura em um acampamento onde os grupos da Região se juntam para praticar técnicas básicas e da modalidade do mar. A periodicidade dessa atividade é determinada por cada Região Escoteira.

Ajuri Nacional da Modalidade do Mar



O Ajuri Nacional configura em um acampamento onde os grupos brasileiros se juntam para praticar técnicas básicas e da modalidade do mar, visando o conhecimento e respeito dos diferentes hábitos, costumes, folclores e etc, de cada estado. Não há periodicidade para essa atividade. Cabe a uma determinada região montar e sediar esse evento.

Grande Jogo Naval



O Grande Jogo Naval “GJN” é uma atividade Nacional, organizada pelos Grupos Escoteiros Locais ou pela regional. O tema utilizado nos jogos é passado pela UEB e seguidos pelos grupos. É um grande encontro de Escoteiros do Mar em cada região do País, uma festa das tradições marinheiras. Geralmente o GJN é realizado nos meses de Setembro ou Outubro, e lançado no calendário oficial da UEB.

Copa Internacional dos Escoteiros do Mar



A tradicional Copa dos Escoteiros do Mar foi realizada pela primeira vez em 1930 nos EUA, tornando-se Internacional em 2000, quando passou a ser organizada pelo Dr. William I. Koch, campeão da *Americans Cup* de 1992. Desde então, o Sr. Koch se tornou o patrono deste evento e assumiu o desafio de reunir os Escoteiros do Mar de diversos países, o que ocorre a cada dois anos. No Brasil as seletivas para a disputa de vagas para a copa ficam a cargo do Conamar, que através dos Coremas, selecionam os melhores velejadores dos Gemares em cada estado. Geralmente as provas acontecem no mês de Julho, por ser verão no hemisfério Norte.

As atividades da Modalidade do Mar devem computar horas embarcadas para seus participantes nos controles dos grupos.

Hino dos Escoteiros do Mar

O Rataplan do Mar é o hino dos escoteiros do mar é um dos mais bonitos do cancionero Escoteiro brasileiro. E aconselhável que a tropa Escoteira cante em todas as reuniões.

Do infinito mar, na vasta imensidade,
E sob a infinidade do esplendente azul
Queremos educar a nossa mocidade

Fugindo à vida inerte, infenso e atroz paul!

E quando vemos longe o torvelinho humano,
O próximo perigo, as almas nos desperta,
E ao nosso brado: Alerta! Alerta, Sempre Alerta!
Responde-nos; Alerta! As vozes do Oceano.

(Estribilho - 2x)

Em cadência firme e sã
Nossos peitos faz vibrar
O Rataplan, Rataplan, Rataplan,
Dos Escoteiros do Mar!

Na progressiva paz, nos dias de perigo,
Nas horas de alegria, ou quando reina a dor,
É sempre o mesmo mar, o nosso grande amigo,
É sempre a mesma Pátria, o nosso imenso amor!

Se acaso ferve um dia, o turbilhão insano,
Das cúpidas paixões de alguma hora incerta,
Ao nosso brado: Alerta! Alerta, Sempre Alerta!
Respondem-nos: Alerta! As vozes do oceano.

(Estribilho - 2x)

Da Pátria, todo amor, constantes pioneiros,
Por sobre mar ou terra, ou sob o céu de anil,
Ardentes, juvenis, do Mar os Escoteiros,
Só tem por lema audaz: Tudo pelo Brasil!

E, assim, sempre evitando, da tibieza, o engano,
Do amor à Pátria e honra, da fé sob a coberta
Ao nosso brado; Alerta! Alerta, Sempre Alerta!
Respondem-nos: Alerta! As vozes do oceano.

(Estribilho - 2x)

Escrituração dos Escoteiros do Mar

Os Escoteiros do Mar tem as mesmas obrigações de todos os Escoteiros do Brasil, com uma diferença, utilizamos os livros de bordo, onde relatamos as saídas das embarcações, hora, data, tripulação, ocorrências e outras. Segue abaixo os principais livros utilizados no grupo.

- a) Livro ata da assembleia de grupo;
- b) Livro ata da seção;
- c) Livro ata da Patrulha/Guarnição;
- d) Livro caixa;
- e) Diário de bordo, e outros que se fizerem necessários.

Sistema de patrulha embarcado

O sistema de patrulha e o método através do qual se pratica o Escotismo. O sistema de patrulha visa promover o constante desenvolvimento dos Escoteiros trabalhando sempre em pequenos grupos (Guarnições) liderados por um jovem (Monitor ou Patrão). Essas Guarnições devem ser autônomas, unidos e ter iniciativa, vida própria. Para dar responsabilidade aos Monitores e individualidade as Guarnições, todas as instruções são passadas para os monitores, e nunca diretamente aos Escoteiros ou Tripulação. Cabe aos Monitores/Patrões retransmitirem instruções para a sua Patrulha/Guarnição.

Temos as funções embarcadas que são: Patrão – Responsável pela embarcação, que geralmente esta no leme; Gajeiro – Responsável pelas manobras na vela; Proeiro – Responsável por ficar atento a todas as embarcações ao redor, e verificar se não há nenhum obstáculo à frente; Remadores – Responsável por remar e fazer a embarcação se deslocar, quando da falta de vento ou a pedido do patrão para manobras; Intendente – Responsável pela alimentação da tripulação e o abastecimento de água; Tripulação – Responsável por toda faina a bordo.

Canto de Patrulha ou Paiol

Sabemos que para um Grupo Escoteiro é difícil conseguir uma sede própria e, ainda, oferecer cantos individuais para cada Patrulha. Porém, é importante que exista esta preocupação e que se tenha como objetivo conseguir os Cantos para cada Patrulha ou, no mínimo, para a Tropa. Assim, estaremos viabilizando o que nos sugere o livro **Sistema de Patrulhas**, por exemplo, ao dar autonomia aos escoteiros. Quando não há um espaço próprio para o Canto de Patrulha, poderá ser adotado um sistema de armários que, de um momento para o outro, podem ser transformados num Canto com mesa, bancos, painéis etc. Os bancos podem servir como baú, aproveitando o espaço para guardar o material de campo. Os Escoteiros do Mar costumam chamar o seu canto de Patrulha de Paiol, essa terminologia é utilizada no meio naval para guardar, materiais náuticos, explosivos e outras.



Cursos para Chefes do Mar



Existem vários cursos para os Escotistas e Dirigentes dos Grupos Escoteiros do Mar, e o mais importante para a modalidade é o Curso

Técnico do Mar “CTMAR”. Ministrado pelo COREMAR com duração variada, onde o Escotista ao termino do curso esta habilitado com a carteira de Arrais Amador. Segue abaixo os cursos existentes:

CURSO DIRIGENTE DE GRUPO ESCOTEIRO

O curso tem o objetivo de capacitar dirigentes de Grupos Escoteiros com temas específicos, e possui o mesmo conteúdo, carga horária e validade do ofertado pelas Regiões Escoteiras no formato presencial. O dirigente terá um prazo de 30 dias para finalizar o curso desde o seu primeiro acesso. Após concluir todas as unidades, será gerado automaticamente um certificado digital que comprovará a sua participação e conclusão no curso.

CURSO DE PROTEÇÃO INFANTOJUVENIL

Com o objetivo de capacitar e conscientizar pessoas de dentro e fora do Escotismo sobre proteção infantil e cumprir a determinação da resolução n.º 09/2013 do Conselho de Administração Nacional, que torna obrigatória a participação no curso de proteção infanto-juvenil para inclusão e renovação de registro escoteiro, foi criado o “Curso de Proteção Infanto-juvenil”, que pode ser encontrado em formato EaD. A iniciativa faz parte da Política de Proteção Infanto-juvenil da instituição.

CURSO DE ASSESSOR PESSOAL DE FORMAÇÃO

Este curso tem o objetivo de informar e desenvolver a ideia e o trabalho acerca da função de Assessor Pessoal de Formação nos processos formativos dos Escoteiros do Brasil.

CURSO PRELIMINAR “CP”

Este curso tem o objetivo de iniciar o novo Escotista. Ele aborda os temas básicos do movimento Escoteiro e realizado em um final de semana, sem a obrigação do pernoite.

CURSO BASICO “CB”

Este curso tem como objetivo, qualificar o Escotista em suas tarefas administrativas e acompanhamento individual do jovem. E realizado em um final de semana, acampado com pernoite.

CURSO TECNICO DE RAMO “CTR”

Este curso tem como objetivo, preparar o Escotista nas praticas Escoteiras do ramo que escolheu atuar. E realizado em um final de semana, acampado com pernoite.

CURSO AVANÇADO “CA”

Este curso tem como objetivo, consolidar todo o conhecimento que o Escotista acumulou, e avaliar na praticam a suas habilidades adquiridas, e aperfeiçoa-las para colocar em pratica. E realizado em três fases, que podem variar de um mês a seis meses, dependendo da região.

CURSO TECNICO DO MAR “CTMAR”

Este curso tem como objetivo, formar Escotista na pratica Marinheira e vivencia no mar. Esse curso sempre e ministrado pelo Escotista mais experiente da região, e em concordância com a NORMAM-03 (DPC), que ao final do curso sairá com a carteira de Arrais amador para adulto ou de veleiro para o jovem. E tradição dos cursos técnicos do mar que o primeiro lugar do curso receba um lenço todo branco assinado pelos alunos e instrutores do curso.



Manobras de Fundeio

Fundear uma embarcação significa “estaciona-la” distante de cais e píer, onde não e possível prende-la por uma espia num ponto de apoio em terra. Os fundei-os são realizados prendendo-se a embarcação no fundo, através de uso de ancoras “Ferro”. Ao atracar uma embarcação, ai sim, faremos uso de espias e a teremos bem presas a um cais.

Manobrando para ancorar

Por ocasião de fundear devemos manobrar a embarcação e tomar os seguintes cuidados:

- Escolha do local, verificando na carta náutica se o mesmo for desconhecido. Há locais em que o fundeio não é permitido, em função do trânsito;
- Tomar conhecimento da força da maré no local, tanto na enchente, quanto na vazante;
- Aproximar-se do local em velocidade reduzida, no sentido contrário à maré ou ao vento (aproximar-se ao vento ou à maré), dependendo de quem seja mais forte;
- Deve-se atingir o ponto de fundeio, com o motor em marcha neutra, ou com as velas abafadas, de modo que a embarcação esteja quase a parar;
- Ao atingir o ponto de fundeio, soltar o ferro de proa (lembre-se que entrou no local de proa, contra a correnteza do vento ou da maré), fornecendo amarra no comprimento de no mínimo 3 vezes a profundidade local. Enquanto a ancora atinge o fundo, a embarcação, movida pela própria ação da correnteza (vento e/ou maré), começa ir à ré. A medida que cai à ré solta-se lentamente a amarra da âncora de proa até atingir o triplo da distância.
- Esta manobra, de soltar a âncora pela proa e cair à ré, evita que a amarra se prenda no hélice, no leme, ou na quilha, que é uma situação até que meio comum a quem não está bem treinado, e quem já teve a amarra enrolada na quilha sabe o trabalho que dá soltá-la: custará no mínimo um mergulho prolongado, ou uma amarra cortada.
- Ao invés de soltar a âncora pela proa e cair à ré, pode-se soltá-la pela popa, enquanto a embarcação segue avante.
- Ao fim da manobra deve-se ter certeza que a ancora esteja bem presa ao fundo.

Um bom local para fundear;

- Ser abrigado de ventos, correntes ou ondas;
- Ter uma profundidade adequada à embarcação;
- Ter um fundo sem grande declividade, pois em caso contrário a embarcação poderá se desgarrar com facilidade;
- Ter um fundo de boa tença (poder de prender a âncora). Os melhores fundos são areia, cascalho, lama, ou uma combinação entre eles. Fundos de pedra devem ser evitados;
- Ter espaço suficiente que permita nossa embarcação girar sem perigo, em um raio que será função da quantidade de amarra liberada e do comprimento da embarcação.

Comandos utilizados para manobra de fundeio utilizado pelos Escoteiros do Mar:

Patrão: Após escolha do local e já com seguimento reduzido:

- Preparar para fundear!

Proeiro: Clareia cabos, principalmente a boça e verifica se esta fixada no respectivo cunho e Anete do ferro.

- Ferro pronto!

Proeiro: De pé na proa com ferro na mão.

- Ferro pelos Cabelos!

Patrão: Já com a embarcação na posição escolhida.

- Lança Ferro!

Proeiro: Constatando que o ferro chegou ao fundo e pagando cabo.

- Ferro ao fundo!

Patrão: com pequeno seguimento normalmente a ré.

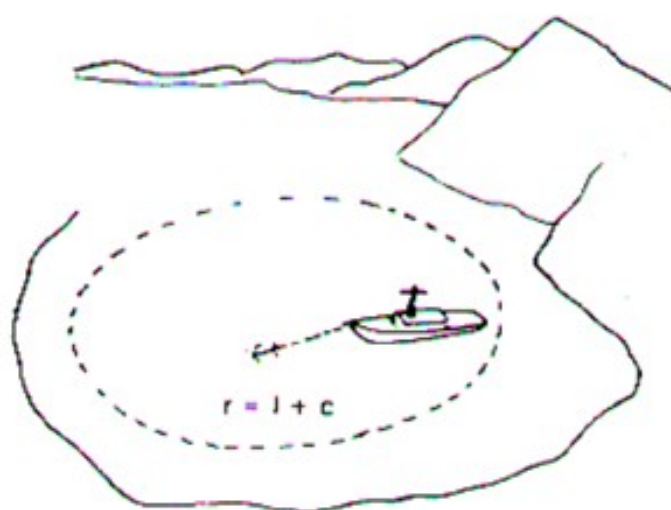
- Unhou?

Proeiro: Caso o ferro esteja realmente fixado ao fundo.

- Unhou!

Proeiro: Caso o ferro esteja solto e sendo arrastado.

- Garrou!



FUNDEADOURO

l = quantidade de amarra largada

c = comprimento da embarcação

r = raio de giro quando fundeada



Nós e voltas

O conhecimento dos nós e voltas nos assegurarão eficiência na atracação da embarcação, nas manobras com pesos e economia do tempo.

Nós

Geralmente são dados nos chicotes (extremidades) dos cabos, unindo-os, ou prendendo um chicote a qualquer objeto. A seguir estão apresentados os mais usados na Marinharia Mercante. Procure imaginar a utilidade de cada nó, pois eles somente são válidos quando os aplicamos de forma correta e para os fins destinados.

Meia volta – é a volta dada nos embrulhos, a qual se dá com o chicote do cabo e pode-se desfazer facilmente. Serve como base ou parte de outros nós. Utilizada para impedir que o tirador de um aparelho de laborar se desgruma.



Nó de aselha – é uma simples laçada pelo seio, podendo ser usada para fazer uma marcação num cabo, ou silhar uma parte do cabo que esteja coçada (ferida em consequência de atrito).



Nó de frade – a figura ao lado ensina como fazê-lo. Basta que se faça uma meia volta e, a seguir, se dê uma sequência de outras voltas e depois aperte-se. É de pouco uso, entretanto serve de adorno.



Nó direito – por ser um dos nós mais fáceis de fazer, é usado com muita frequência para unir cabos de bitolas iguais, sendo para isso, o mais seguro dos nós.



Nó torto – parece-se com o nó direito, porém a segunda volta é invertida, tornando-o desusado por correr e quando aperta não se desfaz com facilidade.



Nó de escota singelo – é um nó de muita segurança, com a grande vantagem de poder unir cabos de bitolas iguais ou diferentes.



Laís de guia – é um dos mais executados em todas as Marinhas. Trata-se de um nó que garante uma alça segura, substituindo a mão ou alça de uma espia.



Nó de catau – também chamado de catau de reboque. Serve para encurtar uma espia na faina de reboque, e também para isolar uma parte de um cabo coçado (puído).



Nó de pescador – é um nó fácil de fazer, bastando unir dois cabos ou fios e se dê uma meia volta e depois outra no chicote oposto. Tem este nome por ser muito útil para unir linhas finas de pesca.



Nó de moringa – serve onde seja necessária uma alça permanente. Antigamente era usado para içar barris de água potável e bujões de gás, entre outros materiais cilíndricos.



Balso de calafate – também chamado de Laís de guia dobrado. Como os demais balsos, oferece uma boa opção para salvamento de um naufrago, bem como para aguentar um homem que trabalha num costado ou num mastro, podendo ele ficar com as mãos livres.



Voltas

São dadas com o chicote do cabo ou com o seio de um cabo em torno de um objeto qualquer. As voltas geralmente são bem mais fáceis de executar, sendo a sua segurança total.

Cunho - é um componente no qual fixamos muitos cabos a bordo, inclusive junto aos mastros para a fixação de adriça (cabo de içamento) da bandeira.



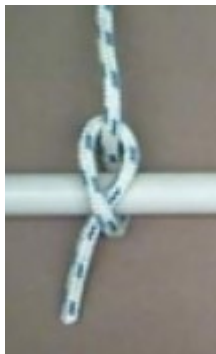
Volta de malagueta - é mais usada em barcos ou navios a vela, e a utilidade da volta é dada no cabeço em cruz.



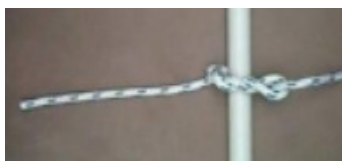
Voltas falidas - são muito usadas nas atracações, desde que o cabeço seja duplo.



Veja que a **meia volta com cote** (volta singela em que uma das partes do cabo morde a outra) é o princípio da **volta da ribeira**.



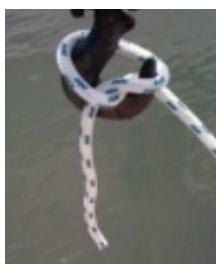
Volta da ribeira - usada para enfeixar objetos cilíndricos.



Para aumentar a segurança da **volta da ribeira**, quando se quer içar uma peça cilíndrica, podemos dar mais uma meivolta, como se vê na figura.



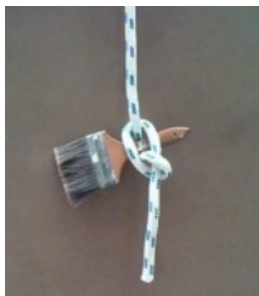
Após engatarmos uma carga devemos fechar a **boca do gato**, mordendo-a com um cabo, para que na eventualidade de um tranco maior não venhamos a perder a carga.



A facilidade com que se faz a **volta de fiel** não expressa a sua grande segurança. Com ela os cavaleiros do oeste prendiam seus cavalos à cerca.



Volta de torto ou, como dirão os meninos, o **nó de rabiola**, aquele que prende os papéis que formam a rabiola das pipas ou papagaios. Em nosso caso a volta prende pequenos objetos que queiramos içar. Exemplo: um pincel para alguém que esteja pintando um mastro.



Esta **volta redonda com cotes** somente dá segurança quando sobtensão, isto é, quando há peso.



Não se esqueça de que, mesmo não havendo um instrutor ao seu alcance, você poderá reunir um grupo de colegas no seu bairro e divertir-se aprendendo como autodidatas a fazer nós e voltas.

Personalidades da Modalidade do Mar

Benjaminde Almeida Sodré: foi um Almirante da Marinha do Brasil, Escoteiro e um futebolista brasileiro que ficou conhecido como "Mimi Sodré". Campeão em 1910 e 1912, pelo Botafogo. Em 1912, também foi artilheiro do certame, com 12 gols.



Filho de Lauro Nina Sodré e Silva e que mais tarde se tornaria um personagem muito importante na história do Escotismo brasileiro. Curiosamente, Benjamin Sodré, que mais tarde seria conhecido pelos escoteiros como "O Velho Lobo", teve em sua vida muitas passagens e características semelhantes às de Robert Baden-Powell.

Ainda criança mudou-se para o Rio de Janeiro e depois de terminar seus estudos secundários prestou concurso para admissão na Escola Naval sendo aprovado em primeiro lugar. Fez brilhante carreira na Marinha Brasileira, sobrevivendo ao naufrágio do rebocador Guarani, em 1913 e chefiando a Comissão Naval Brasileira durante a II Guerra Mundial. Tornou-se almirante em 1954.

O Velho Lobo, assim como o fundador Baden-Powell, tinha uma série de talentos e interesses diferentes. Foi professor de astronomia, navegação e história da Escola Naval, publicou diversos trabalhos, foi maçom e, sobretudo um excelente jogador de futebol, ponta esquerda do time do América-RJ, do Botafogo e da Seleção Brasileira de Futebol entre 1910 e 1916.

Desde que entrou em contato com o Movimento Escoteiro tornou-se um grande seguidor dos ideais de Baden-Powell, participando da fundação e organização dos Escoteiros do Mar, o primeiro Grupo Escoteiro de Belém, a Federação de Escoteiros paranaenses, entre outros. Escreveu o "Guia do Escoteiro" de 1925, uma das mais importantes obras do Escotismo brasileiro.

Os escoteiros do Brasil nesse período eram divididos em diversas federações e não constituíam uma unidade central. Desta forma, O Velho Lobo teve papel fundamental na idealização e criação da União dos Escoteiros do Brasil, a UEB, reunindo as quatro primeiras federações (a Federação de Escoteiros Católicos do Brasil, Federação Brasileira de Escoteiros do Mar, Federação dos Escoteiros do Brasil e Federação Fluminense de Escoteiros).

Depois de ter alcançado o posto de Almirante de Esquadra da Marinha do Brasil, exerceu a Presidência da UEB União dos Escoteiros do Brasil, da CNEC Campanha Nacional das Escolas da Comunidade, da ADESG Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, do Grande Oriente do Brasil, e da Comissão Nacional de Moral e Civismo.

Faleceu em 1 de fevereiro de 1982, pouco mais de dois meses antes de completar 90 anos. Atualmente vários Grupos Escoteiros, ruas e espaços municipais levam o nome de Almirante Benjamin Sodré, em sua homenagem. Os Escoteiros do Brasil que completam 50 anos de bons serviços para a instituição são reconhecidos com a "Medalha Velho Lobo", em referência e homenagem a Benjamim Sodré.

O Sargento da Marinha **Gelmirez de Mello**



Nasceu em 15/04/1894 e chamado pelo Almirante Almirante Amphiloquio Reis, realizou sua promessa Escoteira em 15/03/1915. Veterano da 1ª Guerra Mundial, aviador da Marinha, maçom grau 33º, católico fervoroso, poeta, diretor do Olaria FC exerceu diversos cargos na FBEM e na UEB. Fez viagens, escreveu cartas, artigos, revista, ofícios, organizou grandes eventos escoteiros, e dirigiu o décimo como tropa modelo dos Escoteiros do Mar por exatos 50 anos. Foi aluno-instrutor do primeiro curso de Insígnia de Madeira do Brasil. Se reformou em 1922 e faleceu em 25/09/1965 ainda a frente do 10º GEMAR Decimo, deixando uma sede própria que ele mesmo liderou a construção.

Chefe Jarbas



Altruísta e cativante, Jarbas é um exemplo para a juventude Niteroiense. Essa condecoração reconhece o trabalho desenvolvido por ele ao longo de décadas no Escotismo brasileiro, especialmente em prol da modalidade do mar.

Jarbas ingressou no Escotismo como lobinho, em 1926, no 7º GEMAR Benevenuto Cellini, onde atuava. Hábil, o experiente chefe escoteiro é perito em nós e voltas utilizadas pelos escoteiros do mar.

Em casa, possuiu grande acervo de livros sobre o tema, além de produções próprias e didáticas sobre o Movimento criado pelo militar inglês Robert Stephenson Smith Baden-Powell em 1907. Para Jarbas, o Escotismo é uma escola da vida singular na formação da juventude brasileira. "O Movimento Escoteiro desenvolve o caráter, a disciplina, a sociabilidade e o trabalho em equipe de crianças e jovens". Jarbas é referência para novas gerações.

Dotado de conduta ilibada, Jarbas foi homenageado com diversas comendas pelo seu trabalho voluntário em prol do Escotismo fluminense. Nos últimos anos, Jarbas recebeu medalhas importantes no Movimento Escoteiro como a Tiradentes e a Velho Lobo. Essa última é outorgada apenas aos escoteiros com 50 anos de boas atividades.

Em 2007, Jarbas foi homenageado pelos veteranos de guerra do mar com a medalha Garra e Coragem. Convém destacar que Jarbas desempenhou funções importantes no Escotismo tanto no estado do Rio de Janeiro, como no nível nacional.

Em 1942, Jarbas já era chefe escoteiro. Depois passou a atuar como membro da Comissão Nacional de Escoteiro do Mar e, em seguida, recebeu atribuições de comissário regional.

Jarbas também esteve no Conselho Regional e participou de Conselho Distrital de Niterói.

Para contribuir na gestão do Escotismo e desenvolver as atividades com os jovens, Jarbas participou de inúmeros cursos de capacitação oferecidos pela União dos Escoteiros do Brasil.

Ele teve sua formação escoteira sempre voltada para o Escotismo do Mar, mas também fez cursos do Ramo Sênior e para a Direção Executiva de Grupos Escoteiros.

Aos 93 anos, nascido em Niterói, Jarbas foi um dos fundadores e conselheiro benemérito do Centro Cultural do Movimento Escoteiro, órgão de preservação da memória escoteira que foi presidido por seu amigo Comandante Carlos Borba por 18 anos.

Jarbas é conhecido em todo o Brasil, em especial pelos escoteiros do mar, em virtude de sua experiência em técnicas escoteiras e por causa de seu conhecimento sobre a história do Escotismo no país. Na vida particular, Jarbas começou a carreira profissional em 1937, como desenhista na Viação Cantareira. Depois passou a trabalhar no escritório de Álvaro Vital Brazil, filho do famoso cientista, Jarbas também fez os desenhos de projetos dos colégios Raul Vidal e Guilherme Briggs. Chefe Jarbas morreu em 06 de fevereiro de 2012, com 86 anos de promessa.

Maria Pérola Sodré



Maria Pérola Sodré, filha de Benjamin Sodré e de Alzira de Castro Sodré, nasceu, em 23 de novembro de 1922, no Rio de Janeiro- RJ. É Professora de Matemática e de Religião.

Desde que nasceu, vivenciou Escotismo e Bandeirantismo, onde fez a primeira Promessa em 03/11/1933; foi Fada, Bandeirante, Guia e passando a atuar como chefe bandeirante em 22/03/1942.

Ingressou na UEB, como chefe de lobinhos, em junho de 1951. Fez o CAB de Lobinhos em julho de 1959 e a parte II da IM Lobinho de 20 a

24 de janeiro de 1960 em curso realizado no Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ; sua parte III da IM foi conduzida por João Ribeiro dos Santos, e recebeu a IM Lobinho em 05/07/1960. No mesmo ano participou do TTT em Porto Alegre/RS. Em 03/08/1962 foi nomeada, por Gilwell Park, Akelá Líder para o Brasil, Ramo do qual foi também Comissária Nacional a partir de 20/05/1966. Foi Comissária Nacional de Escoteiros do Mar entre 1985 e 1992; nessa gestão foram organizados, em 1987, 1989 e 1991, pela Comissão Nacional de Escoteiros do Mar, o II, III e IV Ajuris Nacionais de Escoteiros do Mar, além de diversos Fóruns de Jovens, cursos de Arrais, de Patrão e Técnicos de Mar. Maria Pérola é DCIM, e foi distinguida com o título de Adestradora Emérita da UEB (1982). Ela dirigiu inúmeros cursos escoteiros em diversos Estados do Brasil e no exterior, entre os quais Cursos da Insígnia de Madeira do Ramo Lobinho no Rio de Janeiro/RJ (1964, 1971), Niterói/RJ (1970, 1974), Fortaleza/CE (1971), Chapada dos Guimarães/MT (1971) que foi o primeiro curso da IM na Região Centro-Oeste do Brasil, Pará de Minas/MG (1972), Porto Alegre/RS (1973), Brasília/DF (1974) e Manaus/AM (1975). Sua vida toda tem sido pautada pelo lema das Bandeirantes *Semper Parata*, sempre pronta para cumprir os seus deveres, com Deus, com a Pátria e com o próximo. Em 1983, recebeu do Conselho Regional dos Escoteiros do Mar a tarefa de ser seu representante junto à Ilha da Boa Viagem que, em 1937, a pedido do então Comandante Benjamin Sodré, havia sido cedida pelo Ministro da Marinha aos Escoteiros para ali serem administrados cursos para a formação de chefes escoteiros. Maria Pérola ocupou essa função até bem recentemente.

Entre muitas outras condecorações citamos: “Tapir de Prata”, “Medalha Velho Lobo” – 50 anos de bons serviços à UEB, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” – Homenagem pelos relevantes serviços prestados às vítimas do incêndio do circo em 1962, “Ordem do Mérito Naval” – Ministério da Marinha – 1987, “Comenda do Mérito Araribóia” — Prefeitura de Niterói – 1985, “Medalha Fritz Weber” – Rotary Club de São Cristóvão – 1992. Um fato curioso é que Maria Pérola recebeu o Tapir de Prata em duas oportunidades, em 1979 e em 1991. Descuido da UEB? Não! Merecimento!

Apelidos ou Codinomes de Mar

É uma tradição entre os Chefes, usar um apelido ou codinome de mar em sua vida escoteira. Esse costume veio dos velhos marinheiros, geralmente devido à função ou atividade que exercia a bordo. Na Modalidade do Mar tivemos vários grandes Chefes com seus apelidos de mar como, por exemplo, Benjamin Sodré conhecido até hoje por “Velho Lobo”, Chefe Jarbas por “Quati do Mar”, Maria Pérola por “Gaivota Branca” entre outros. Geralmente utilizamos para os apelidos alguma referência marinha, mas poderão surgir outros apelidos fora desse tema. Não é comum os jovens usarem apelidos, mas há exceções.

Linguajar Marinheiro

Os Escoteiros do Mar utilizam um linguajar e jargões parecidos com o da Marinha do Brasil. Essa semelhança se deve às tradições do mar e às vozes de comando embarcadas. Segue abaixo algumas expressões que os Escoteiros do Mar utilizam em seu dia a dia:

Safo = Está tudo resolvido

Cabo = Corda

Alvorada = Hora de acordar

Silêncio = Hora de Dormir

Jacuba = Refresco

A bordo = está em sede ou embarcado

Voga = ritmo , líder

BRAVO ZULU = Bem Feito

Cartear = falar alguma coisa que nada tem a ver com a situação quando não se sabe o que dizer

Cochado = alguém que é protegido

Última forma = Mudar de ideia

Faina = tarefa

Faxina = qualquer tipo de faina

Ferro = âncora

Manobra = ação com agilidade/fazer

Marear = enjoar (em um barco)

Rancho = local das refeições

Rela = Relação, Lista

Bizu = Dica

Patrão = Comandante/Piloto da Embarcação

Guarnição = tripulação

Pano = Velame da embarcação

Encarnado = Vermelho

Bombordo = Esquerdo

Boreste = Direito

Avante = á frente

À Ré = para trás

Derrota = Percurso

Pegar = Contrario de estar Safo

Apertar = Cobrar

Rosca fina = Chefe/Patrão

Arvora = Parar/Acalmar-se

Guerra = Perseguição pessoal / Implicância / bullying

Picado = Almoço/Janta

Onça = Em dificuldade/Com problemas

Safa Onça = Solucionar o Problema

Na Marca = Perfeito

Afirmativo = Sim

Avançar = Aproximar

PS = Problema/Faina

Batismo do Patrão de Primeira jornada:

O patrão de primeira jornada, regata ou travessia , quando o fizer todo o percurso comandando uma embarcação e cumprir toda a derrota ao chegar no ponto de origem , deverá ser lembrado pelo chefe mais graduado (Arrais, Mestre ou Capitão) e deverá reunir a tropa para elogiar o trabalho deste novo patrão, para que isto sirva de exemplo aos demais membros do grupo escoteiro e portanto para concretizar o batismo, o jovem patrão deverá ser lançado da embarcação ou do cais para que fique forjado e corra na sua veia o gosto pelo mar. Quando chegar a praia, o mesmo deverá ser saudado por todos de sua guarnição.



Batismo do Navio

Talvez a mais conhecida das tradições é o batismo do navio. A cerimônia costuma ter a presença de um religioso, uma madrinha e a quebra de uma garrafa de champanhe no casco. Não se sabe exatamente quando iniciou esta tradição, mas sabe-se que é milenar e existem evidências de que babilônios, romanos, gregos e egípcios já a faziam. No Escotismo do Mar, costuma-se a batizar os Navios de Tropas NTs ou Navios de Patrulhas NPs com nomes de personalidades Escoteiras ou Militares.



COLABORADORES

Chefe Carlos Henrique DANTAS de Andrade “Roncador” 90º GEMAR

Chefe MARCELO Motta “Morsa” 123º GEMAR